

Revista de Comunicação Científica: RCC



ARTIGO

NO RITMO DA DANÇA: ARTICULAÇÕES ENTRE PROJETO DE EXTENSÃO E CURRÍCULO DO CURSO DE PEDAGOGIA

At the rhythm of dance: links between extension project and curriculum of the Pedagogy Course

Al ritmo de la danza: vínculos entre proyecto de extensión y currículum del Curso de Pedagogía

Érica Lopes da Silva

Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT.

E-mai: ericalopesdasilvaa091@gmail.com

Natalina Aparecida da Silva Reis

Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT.

Email: natalinareis@unemat.br

Ronélia do Nascimento

Mestra em Educação. Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Juara-MT.

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-2439-2278>

E-mail: ronelia.do.nasciment@unemat.br

Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFGRs). Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5949-7590>

E-mail: waldineiaferreira@unemat.br

Como citar este artigo:

SILVA, Érica Lopes da; REIS, Natalina Aparecida da Silva; NASCIMENTO, Ronélia do; FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara. No ritmo da dança: articulações entre projeto de extensão e currículo do Curso de Pedagogia. In **Revista de Comunicação Científica – RCC**, jan./abr., vol. I, n. 14, p. 135-149, 2024.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Volume I, número 14 (2024)

ISSN 2525-670X

NO RITMO DA DANÇA: ARTICULAÇÕES ENTRE PROJETO DE EXTENSÃO E CURRÍCULO DO CURSO DE PEDAGOGIA

At the rhythm of dance: links between extension project and curriculum of the Pedagogy Course

Al ritmo de la danza: vínculos entre proyecto de extensión y currículum del Curso de Pedagogía

Resumo

Este texto é resultado de uma reflexão sobre danças e as articulações realizadas em aula de campo do Curso de Pedagogia na cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, em Mato Grosso, com o projeto de extensão “No ritmo da dança”. A metodologia foi a pedagogia de estudos em campo com observação e apresentação de dança pelas acadêmicas do curso e participantes do projeto de extensão. Consideramos que atividades que articulam projetos de extensão e ensino contribuem com a formação profissional de pedagogos e de pedagogas com vistas a pensar em ações que possam ser desenvolvidas na educação básica, buscando praticar a dança como estratégia para que os/as estudantes aprendam a expressar suas emoções. Ademais, o movimento corporal sendo essencial para o desenvolvimento que expande os conhecimentos, aprimora habilidades motoras e compreensão sobre as danças regionais de nosso país.

Palavras -chave: Dança. Projeto de extensão. Ensino.

Abstract

This text is the result of a reflection on dances and the articulations carried out in a field class of the Pedagogy Course in the city of Vila Bela da Santíssima Trindade in Mato Grosso with the extension project “No rhythm of dance”. The methodology was the pedagogy of field studies with observation and dance presentation by us academics of the course and participants of the extension project. We believe that activities that it articulates, extension and teaching projects contribute to the professional training of pedagogues, with a view to thinking about actions that can be developed in basic education, seeking to practice dance as strategies for students to learn to express themselves. your emotions, in addition to body movement being essential for the development that expands knowledge, improves motor skills and understanding of the regional dances of our country.

Keywords: Dance. Extension project. Teaching.

Resumen

Este texto es el resultado de una reflexión sobre las danzas y las articulaciones realizada en una clase de campo del Curso de Pedagogía en la ciudad de Vila Bela da Santíssima Trindade en Mato Grosso con el proyecto de extensión “Sin ritmo de danza”. La metodología fue la pedagogía de estudios de campo con observación y presentación de danza por parte de académicos del curso y participantes del proyecto de extensión. Creemos que las actividades que articula, proyectos de extensión y docencia contribuyen a la formación profesional de los pedagogos, con miras a pensar acciones que pueden desarrollarse en la educación básica, buscando practicar la danza como estrategias para que los estudiantes aprendan a expresarse. las emociones, además de que el movimiento corporal es fundamental para el desarrollo que amplía el conocimiento, mejora la motricidad y la comprensión de las danzas regionales de nuestro país.

Palabras clave: Danza. Proyecto de ampliación. Enseñando

Érica L. Silva, Natalina Ap. S. Reis, Ronélia do Nascimento e Waldinéia A. A. Ferreira



136

Introdução

A presente produção textual tem como foco principal analisar a participação das acadêmicas do projeto “No ritmo da Dança” em articulação com o ensino e aprendizagem de danças tradicionais de Vila Bela da Santíssima Trindade, no interior das disciplinas Pressupostos Antropológicos da Educação e Culturas e Relações Étnico-Raciais, em atividades de aula de campo.

O objetivo, portanto, foi apresentar uma interrelação entre as disciplinas e o projeto de extensão “No ritmo da dança”, pois os estudos e leituras das disciplinas acima citadas dialogam sobre a diversidade e a presença negra, bem com temas relacionados ao racismo e ao silenciamento da cultura negra, inclusive nos currículos escolares.

O trabalho do projeto de extensão em Vila Bela da Santíssima Trindade possibilitou a observação e a constatação de que a dança em Vila Bela da Santíssima Trindade é manifestada como uma presença cultural forte, trata-se de um elemento essencial da rica cultura local. Nesta cidade, a dança desempenha um papel significativo como forma de expressão artística, preservação das tradições e celebração da identidade cultural, havendo influências indígenas, africanas e europeias. Essas manifestações de dança em Vila Bela da Santíssima Trindade refletem a diversidade e a história da região.

A dança em Vila Bela da Santíssima Trindade é valorizada como uma parte essencial da vida comunitária, são memórias que transmitem histórias, fortalecendo os laços sociais e transmitindo o orgulho cultural aos residentes e visitantes. São danças que dizem respeito ao povo negro.

Diferente, das danças em Vila Bela o projeto no Ritmo da Dança, reúne acadêmicas do curso de Pedagogia com a intenção de se trabalhar variedades de danças regionais do Brasil. No entanto, para compor as atividades em Vila Bela da Santíssima Trindade, a Universidade do Estado de Mato Grosso-Campus de Juara, via projeto de extensão, socializou a coreografia dançante denominada “Pérola Negra”. Esta dança buscou dialogar com a manifestação cultural da dança em Vila Bela da Santíssima Trindade, compondo na coreografia Axé, Samba e Maculelê.

A metodologia utilizada pelo projeto de extensão “No ritmo da dança” foi composta por estudos de dança e produção de oficinas com apresentações que são

Érica L. Silva, Natalina Ap. S. Reis, Ronélia do Nascimento e Waldinéia A. A. Ferreira

feitas em atividades curriculares do curso de Pedagogia, como por exemplo, a aula de campo em Vila Bela da Santíssima Trindade e o Seminário Integrador da Sétima fase formativa do respectivo curso com tema: Educação, Diversidade e desigualdade.

Corporeidade, dança e pedagogia

A corporeidade é toda manifestação do corpo, em diferentes formas de representar – uma delas é a dança –. A dança é uma manifestação do conteúdo corporal, presente como elemento pedagógico, quando ao observarmos ou produzirmos uma dança, fazemos reflexão sobre a história dos movimentos, da letra das músicas que fazem parte da dança e também pela coreografia que é feita.

Em Vila Bela da Santíssima Trindade, os participantes do projeto de extensão “No ritmo da dança” e alunas do curso de Pedagogia do Campus de Juara-MT aprenderam que as danças emitem sentimentos, histórias e memórias. Nesse contexto, a aprendizagem da dança do Chorado e do Congo em Vila Bela da Santíssima Trindade se deu pela observação e pela escuta da oralidade das pessoas Vilabelenses. O ensino se fez aprendizagem em coletividade no movimento da aula de campo.

Pudemos compreender, na vivência um exercício de afirmação contínua das diferenças e a diversidade, de aproximação e reconhecimento entre seres humanos e a possibilidade de se relacionar com o que distinguimos como alheio, mas ao mesmo tempo identificamos como próprio.

Falar dessa riqueza cultural é criar possibilidade de diálogo com aquilo que se apresenta como distante e de abrir nossa visão pessoal, enquadrada institucional e socialmente, ao conhecimento de experiências que se definem em outras conjunturas históricas, tratadas muitas vezes como causas de fragmentação social dos povos e suas comunidades em tempos, classes, raças e gêneros, ao invés de serem tomadas como uma oportunidade de construção de canais comunicativos no desenvolvimento de sociedades multiculturais.

Estávamos na aula de campo para entendermos a existência de diferentes práticas sociais que se apresentam na dança, identidade, processos de intercâmbios ao apresentarmos a nossa dança, entre mulheres dançarinas usando as

Érica L. Silva, Natalina Ap. S. Reis, Ronélia do Nascimento e Waldinéia A. A. Ferreira

comunicações simbólicas da expressão do corpo como linguagem, imagem e discursos que aludem violências como a colonização e expropriação, mas também dialogamos com as dinâmicas de resistência, a autoafirmação e luta pela autonomia do povo Negro.

Primeiramente, vamos falar das aprendizagens sobre dança em Vila Bela. A região de Vila Bela da Santíssima Trindade tem uma influência cultural diversa, resultado da mistura entre indígenas, africanos e europeus ao longo dos séculos. Essa diversidade é refletida nas manifestações artísticas, incluindo as danças tradicionais. Uma das danças populares na região é a “Dança do Chorado”, essa dança foi criada em Vila Bela e é composta somente por mulheres, trazendo um pouco do batuque um som trazido pelos negros para o Brasil.

A dança do "Chorado" é popular na atualidade, mas é conhecida e feita pelas mulheres negras desde o período colonial, era pelo meio da dança que as mulheres encontravam um espaço de comunicar-se e pedir a liberdade dos filhos, maridos que eram açoitados na época da escravidão. Assim, a dança era um jeito de enganar os senhores e de escapar das normas cruéis da época e, quando as mulheres se pronunciavam corporalmente, dançando e cantando, acabavam amenizando os castigos dos seus parentes.

Presenciamos a apresentação nas ruínas da igreja, um dos lugares turísticos local, doze mulheres fizeram um círculo, deixando na parte frontal do cenário garrafas de Kanjinjin e nesse momento uma outra mulher que estava fora do círculo começou a tocar um instrumento de percussão chamado mocho e um homem tocando uma viola entoaram o canto, com vestidos coloridos de saias largas, faixa em sua cabeça, fazendo cadenciosos movimentos ao ritmo da música que estava sendo tocada ao vivo acompanhada pelas vozes das próprias dançarinas.

Os movimentos eram ritmo do batuque, que tem sua origem trazida da África para o Brasil no período colonial, utilizando molejo ao brincar com a saia e os corpos seguem as letras das canções. Em alguns momentos, os movimentos são rápidos, agachando-se e dando giros, colocam as garrafas de Kanjinjin que estava no centro da roda na cabeça fig. (01), não utilizam nenhum tipo de suporte e seguem a dança, demonstram o equilíbrio corporal em diferentes caminhos circulares fig. (02). Vale dizer que o Kanjinjin é uma bebida afrodisíaca, tradicional e própria de Vila Bela.

Figura 01 – Grupo da Dança do Chorado



Fonte: Aula Campo Vila Bela da Santíssima Trindade (2023).

Figura 02 – Grupo de Mulheres da dança do Chorado, dançando.



Fonte: Aula Campo Vila Bela da Santíssima Trindade (2023).

Os movimentos da dança são sensuais, com requebrados que descem até o chão, as vestimentas são longas e coloridas, cantam e dançam com animação. O

corpo no movimento da dança se constitui um espaço privilegiado de produção e difusão de símbolos, pois sua construção evidente em aparências e condutas se dá como resultado da subjetivação e incorporação dos elementos através dos quais se estabelece a relação com o mundo.

O corpo aparece como o ponto de contato com a exterioridade e é uma referência básica para a percepção da alteridade, pois ele delinea um “para fora” e se constitui como expressão do entorno em que se desenvolvem os indivíduos. Assim, as condutas, movimentos, gestos e mudanças corporais representam a construção da subjetividade e suas condições de existência. O corpo representa das dançarinas e falas delas.

Em âmbitos de desenvolvimento cultural das comunidades, o corpo se realiza e cobra sentido na medida em que é percebido e reconhecido por outros, quando entra em relação com sua exterioridade, sendo o componente fundamental da circulação de condutas e práticas que transmitem símbolos ligados a um marco sociocultural.

Neste sentido, os corpos não só são um reflexo da cultura, mas também a produzem e reproduzem. A cultura se faz corpo através da educação que se exerce sobre ele, seja de maneira consciente ou não, na execução de atividades concretas que variam de acordo às necessidades e interesses de cada grupo social.

Como parte das ações reivindicativas, algumas práticas culturais afrodescendentes, entre as que estão músicas e danças, retomam os estereótipos que sobre elas recaíram, como a força ou resistência física, para mostrá-los como virtudes e marca de diferenciação, fazendo parte da cultura popular. As danças também adquiriram seus modos de interpretação, seguindo os ritmos africanos, diferenciando-se das práticas rígidas dos europeus.

O papel do “popular” na cultura popular é o de fixar a autenticidade das formas populares, enraizando-as nas experiências das comunidades das populares das quais elas retiram seu vigor e nos permitindo vê-las como expressão de uma vida social subalterna específica, que resiste a ser constantemente reformulada enquanto baixa e periférica. (Hall,2003, p.341).

Nesse sentido, afirmar que através da dança e seus corpos presentes, se reafirmam símbolos e, portanto, se produzem sentidos culturalmente regularizados implica entender que ela está vinculada a outros campos, nos quais se desenvolvem as relações sociais e não se encontram por fora das condições da vida de uma

comunidade, refletem elementos de outros subcampos da cultura, como a música, a literatura ou os modos de vestir, desde sua criação, passando por seus espaços de circulação até suas formas de recepção.

A existência da dança do “Chorado” veio em meio a ação opressora da vida escrava, por outro lado, tem como ponto positivo o grau de visibilidade feminina da mulher negra do passado como meio resiliência diante dos castigos sofridos e no presente é usada como cultura popular, memória ancestral, um papel de protagonismo na preservação e transmissão dos saberes e ensinamentos para quem pertence a Vila Bela e para os visitantes.

A música que ouvimos é cantada com suavidade e com amor. As mulheres do chorado cantaram assim:

*Eu entrei de cacheiro, sai de sócio
Deitado na cama quebrei
meus ossos, eu posso, eu posso
com mais alguém.*

*Eu posso, meu bem, eu posso.
Eu posso com mais alguém.
Eu posso, meu bem, eu posso.
Eu posso com mais alguém.*

*Cachorro que late em seu quintal
Au, au, au no seu o quintal.
Quem tem seus amores longe
Dam, dam, dam Sinhá (BIS)*

*Tu eras quem me dizia
Tu eras quem duvidava
Que no fim do nosso amor
Tu eras quem me deixava.*

*Sapateia rapaziada sapateia no salão. (BIS)
Aproveita a mocidade que a velhice não é bom (BIS)
Dam, da, rim, Dam, Dam.*

Conforme Fernandes (2014) a letra dessa música, traz palavras que as escravas não podiam dizer aos seus senhores, mas através das músicas, elas podiam, esse era o momento de expressar, além disso, a dança envolve os senhores

pelo movimento que mostra uma linguagem de sedução. Ou seja, a Dança funcionava como uma forma das mulheres escravas libertarem seus parentes do açoite dos mourões da escravatura.

Outra dança tradicional encontrada em Vila Bela da Santíssima Trindade é o "Congo". O Congo é uma dança de origem africana (Fig.3), trazida pelo os negros africanos, de propriedade dos Vila-belense, uma dança herdada dos seus ancestrais. Representa uma dança cultural e é executado por homens, com passos e gingado com coreografias animadas, uma dança de origem negra representada a sociedade de Vila Bela, que mantém viva a tradição do povo guerreiro que ali viveu, sem deixar sua história se apagar. Os dançarinos usam trajes coloridos e distintivos que incluem chapéus enfeitados, lenços e vestimenta tradicionais.

Figura 03 – Dança do Congo



Fonte: Reportagem é Bem Mato Grosso (2023).

Conforme Lima (2002), a festa do “Congo” e a do “Chorado” se portam como as responsáveis pela a manutenção da cultura e das tradições do Povo de Vila Bela

da Santíssima Trindade. Nessas duas festas, encontramos alguns vestígios linguísticos dos negros que abrem as portas para entrarmos no universo cultural do Povo de Vila-belense.

Compreendemos que as danças apresentadas são de práticas do povo, tendo presente a linguagem corporal e oral na musicalidade, representando suas crenças, histórias, saberes e cosmologias validadas pela resistência e perpassada por gerações sendo um de seus bens culturais imaterial.

Neste sentido, Canclini (2003) expõe que os povos não vivem sua cultura e suas tradições como uma simples complacência melancólica, mas sim o sentem como parte ativa e permanente no reforço de suas relações comunitárias e sua abertura à modernidade, que muitas vezes reconhecem de maneira satírica ou burlesca, sendo também uma maneira efetiva de se arraigar em suas tradições.

A dança do “Congo” é um exemplo do uso destas estratégias como modo de resistência, pois ela se configura como meio de expressão de conflitos sociais, tomando ferramentas contemporâneas que lhe permitem difundir vozes historicamente silenciadas para visibilizar sua história fortalecendo a autonomia da comunidade.

Através deste exercício da dança do “Congo” de forma teatral se configura uma relação entre governo, povo, baseados em uma posta em cena dos patrimônios, ou seja, sem conflitos diretos, pois existe uma simulação de naturalidade e atemporalidade a partir da qual para o conservadorismo patriarcal. O objetivo final da cultura é torna-se natureza, ser natural como um dom, as instituições, os meios de comunicação cumprem seu papel nas tentativas mais sutis de homogeneização e consolidação do povo brasileiro ordenada pela classe dominante.

As expressões culturais populares correm cair em esquecimento para serem postas a serviço dessa homogeneidade da qual nós, povo brasileiro, não somos, a nossa nação é formada por culturas e existe a diversidade neste território latino americano.

Por isso, devemos conhecer as manifestações culturais para que possamos se reconhecer e cultivar o sentimento de pertencimento. Isso se dá através da busca, valorização e resgate da brasilidade, viver de forma respeitosa, manter essas memórias.

Como estudantes do curso de Pedagogia, fomos aprendendo em aula de campo e em processo de imersão sobre a corporeidade, a presença de diferentes corpos no processo histórico. Reconhecemos Vila Bela como um grande quilombo pela presença maciça de negros e negras e pela manutenção da cultura.

Essas aprendizagens enriquecem o projeto “No ritmo da dança”, que é um projeto de extensão coordenado pela professora do Curso de Pedagogia em Juara Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira, que conta com a participação de outros professores na organização e exequilidade do projeto que tem como foco a realização de danças como agradecimento a nossa estadia em Vila Bela e que é um trabalho desenvolvido pelas acadêmicas do curso de licenciatura em Pedagogia e outros participantes. Dentro do projeto de extensão tivemos momentos de preparação para que pudéssemos nos apresentar na aula de campo, seguindo critérios importantes da dança.

O primeiro passo foi conhecer as músicas que foram apresentadas: Baianá do tem o ritmo do batuque que fala das mulheres negras, depois a música Boa noite, que é apresentada pelo ritmo maculelê que nasceu na Bahia, que o nome Maculelê era de um homem que foi ferido e encontrado por um povo indígena que cuidou de seus ferimentos. Nesse momento, usamos dois bastões, porque a dança maculelê representa uma luta armada de dois bastões que eram chamados de grimas.

Na sequência, veio a música Ilê Pérola Negra, que é um axé, que também tem sua origem na Bahia juntando o frevo, maracatu, reggae, merengue e forró, foi criado pelo cantor Luiz Caldas na década de 1980, a partir dos grupos de carnaval baiano. A letra da música Ilê Pérola Negra conta sobre a musicalidade negra, a resistência do povo e a alegria de celebrar sua identidade cultural afro-brasileira, comparando-a com uma joia rara que é a pérola negra.

Na coreografia montada pela acadêmica Jaine Aparecida Ribeiro da Silva, tendo alguns reajustes pelo grupo, precisamos educar nosso corpo, pois há momentos em que a postura deve ser ereta, com os ombros relaxados e pés firmes no chão. Também tivemos movimentos enérgicos, o corpo solto e sentindo o ritmo, batidas de pés, giros, deslocamentos laterais e movimentos de quadril para expressar a dança que intitulamos de Pérola Negra assim como o nome do grupo de dança (fig.04).

Figura 04 – Apresentação da dança Pérola Negra



Fonte: Aula Campo Vila Bela da Santíssima Trindade (2023).

Outro fator importante foi a interação entre nós dançarinas, pois o grupo dança em sincronismo precisa que as participantes estejam conectadas para responderem aos movimentos, numa dinâmica que nos mantemos atentas à música e aos ritmos. Ainda, a expressão facial e corporal são fundamentais para transmitir a emoção e contar histórias por meio da dança de maneira confortável e confiante.

Buscamos como participantes do projeto de extensão “No ritmo da dança”, o grupo Pérola Negra (Fig.5) mostrar a diversidade de danças com movimentos diferentes, com uma cultura diferente e com a história dessas danças. Nesse sentido, Marques (2005, p.56) alerta que devemos ter uma postura crítica em relação às danças que aprendemos e/ou criamos a partir de tradições dos povos possibilita um outro tipo de olhar, um olhar não complacente e ingênuo frente às contribuições das etnias e culturas que formam o povo brasileiro. Do mesmo modo, permite-nos perceber, nos processos pessoais e coletivos de criação em dança, quais histórias carregamos, que povos representamos, que escolhas fazemos em relação a nossas vivências e atitudes em uma sociedade.

Reconhecemos, contudo, que a diversidade das expressões culturais, incluindo as expressões culturais tradicionais é um fator importante, que possibilita aos indivíduos e aos povos expressarem e compartilharem com outros as suas ideias e valores

Figura 05 – Participantes do projeto no Ritmo da dança



Fonte: Aula Campo Vila Bela da Santíssima Trindade (2023).

Ao valorizar e celebrar as tradições culturais de uma localidade por meio da dança, podemos contribuir para o desenvolvimento pessoal e emocional, bem como para o conhecimento das histórias e cultura dos povos. A dança também pode fornecer um aprendizado intercultural e o respeito pela diversidade, desenvolvendo uma compreensão e uma apreciação mais profundas das tradições e dos costumes de outros povos.

Considerações finais

A produção de práticas pedagógicas em outros lugares e em contato com outras culturas possibilitam que se construa uma formação com possibilidades de outros olhares, de não apenas ler, mas estar em contato com a diferença. Esse movimento da aula de campo produziu conhecimentos sobre Vila Bela da Santíssima Trindade, cidade localizada no Estado de Mato Grosso, primeira capital do estado.

Uma cidade rica em cultura e tradições, incluindo a dança. A dança desempenha um papel importante na expressão cultural da comunidade local e é uma forma de preservar e celebrar a herança cultural do lugar.

Houve uma interrelação e troca muito significativa. A participação do projeto de extensão e do curso de Pedagogia contribuiu para que pudéssemos observar danças e dançar interculturalizando o que havíamos aprendido sobre as danças de Vila Bela, principalmente, o “Chorado” e a nossa dança, coreografada dentro do projeto de extensão.

Tudo se misturou, cultura, dança, projeto de extensão e disciplina do curso de Pedagogia do Campus de Juara. “No ritmo da dança”, dançamos e aprendemos outras danças. Portanto, aprendemos que as danças como o “Chorado” e o “Congo” fazem parte de uma diversidade cultural que existe e é importante valorizar e preservar essas expressões culturais como parte essencial da nossa história. Elas representam uma forma de expressão artística, uma forma de resistência, de ligação com as raízes ancestrais valorizando identidades da comunidade Vilabelense.

Observamos que as danças são saberes que são transmitidos de geração em geração, mantendo vivas suas tradições. Concluímos que esse processo fez parte da nossa formação acadêmica, trazendo uma visão ampla, mostrando que a dança faz parte de vários contextos, inclusive da história, mas que também precisa ser trabalhada dentro do espaço escolar, com leitura e experimentação de diversos movimentos e de diferentes culturas brasileiras. Pois as culturas são importantes e, segundo Rodrigues (2008), a cultura é como uma somatória de costumes, tradições e valores – é um jeito próprio de ser, estar e sentir o mundo e, também, é o jeito de se comunicar e de se expressar pela dança, “No ritmo da dança”, porque dançar é também fazer história, lembrar história, estar na história. Também é preciso lembrar que dançar dentro do projeto em articulação com as disciplinas do curso de pedagogia contribui para uma formação docente mais humanizada, sensível e com olhares voltados às diferenças e riquezas culturais, ou seja, contribui como assinala Azinari (2023), com um movimento na formação docente, porque não é estática e porque também essas experiências atravessam toda a existência do ser e do experienciar articulado em ensino e extensão.

Referências

AZINARI, Amanda Pereira da Silva. Interculturalidade e o desenvolvimento profissional docente no contexto das diferenças culturais. **Revista da Faculdade de Educação**, [S. l.], v. 38, n. 2, p. 59–74, 2023. DOI: 10.30681/21787476.2022.38.5974. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/10991>. Acesso em: 18/09/2023.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

FERNANDES, W. O.; SOUZA, F. G. DE; PRIA, A. D. **Dança do chorado: reescrituras de sentidos para a dançarina**. Traços de linguagem, v. 1, n. 2, p. 61-68, 2017.

HALL, S. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Minas Gerais. Editora UFMG, 2003.

LIMA, J. L.; **Vila Bela da Santíssima Trindade: sua fala, seus cantos**, 2002.

MARQUES, I.A. **Ensino da dança hoje: textos e contextos**. São Paulo: Cortez. 2003.

RODRIGUES, Sonia Regina Rocha. **A importância da cultura na formação do cidadão**. 2008.

Recebido: 20/09/2023

Aprovado: 27/11/2023

Publicado: 01/01/2024